



A operetta inglesa «Bonita»: Um lanceiro inglês com as aldeãs portuguesas

N.º 299 Lisboa, 13 de Novembro de 1911

ASSIGNATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS  
PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Anno. 48800—Semestre, 25400—Trimestre, 16200

*Ilustração*  
PORTUGUEZA

Edição semanal do Jornal O SÉCULO

Director: CARLOS MALHEIRO DIAS  
Propriedade de: J. DE DA SILVA GRACA  
Editor: JOSÉ JOUBERT GRAVES

Redacção, Administração e Officinas de Com-  
posição e Impressão: Rua DO SÉCULO, 43



Impondo-se pelos seus beneficos efeitos e maravilhosos resultados, dominam o mundo os

## Comprimidos "Bayer" de Aspirina

provadamente efficazes nas:

**DORES DE CABEÇA E DE DENTES, INFLUENZA, CONSTIPAÇÕES, RHEUMATISMO, ETC.**

Como garantia de pureza exigir sempre o tubo original marcado com a

**CRUZ DE BAYER**





# Reconhecimento da Republica



O ministro da Austria-Hungria, barão Kuhn de Kuhaefeld, ao entrar para o paço de Belem, para a cerimonia das credenciaes (cliche de Benollet)



O ministro de Inglaterra,  
sir Arhur Harding, entrando para o Paço de Belem  
para a cerimonia  
da entrega das credenciaes  
(Cliché de Benoliel)



# O CENTENARIO DE LISZT



- 1—Liszt ao 70 annos
- 2—Liszt em 1845, por occasião da sua estada em Portugal
- 3—A casa onde nasceu Liszt, em Raiding, na Hungria

Faz hoje, 22 de outubro, cem annos que nasceu Liszt. Parece-me interessante recordar n'esta occasião as relações que teve com Portugal este grande mestre, causa de uma revolução no mundo musical que não só attingiu a technica do piano e a interpretação dos auctores classicos, como ainda a composição symphonica e vocal, a música religiosa e até a cultura intellectual e a posição social da classe dos musicos.

Liszt visitou a nossa capital em 1845 e parece que as impressões aqui recebidas lhe não foram indifferentes, visto como quando no anno de 1885 lhe fui apresentado em Weimar elle me disse, depois de reflectir um pouco: «Vem de Portugal? Faz agora exactamente quarenta annos que lá estive». E poucos mezes antes da sua morte, em 1886, falando com Jayme Batalha Reis, em Londres, perguntou-lhe: «Ora diga-me, ainda vive um pianista de nome italiano com quem toquei em Lisboa? Era Daddi, que chorou de commoção quando Batalha Reis depois lhe contou o interesse que Liszt tinha mostrado por elle.

Liszt deu, nos mezes de janeiro e fevereiro de 1845, cinco concertos no theatro de S. Carlos, sendo um a beneficio da mendicidade e ainda tomou parte no beneficio do tenor Tamberlick. Como exemplo do que eram os concertos n'esta época, é interessante transcrever o programma de um d'elles:

## 1.ª parte

- 1.º—Symphonia pela orchestra.
- 2.º—Phantasia sobre motivos da opera «Norma», ao piano, por mr. Liszt.
- 3.º—Duetto da opera «Pia dei Tolomei», pelos srs. Tamberlick e Ciabatti.
- 4.º—Symphonia de Guilherme Tell, piano sólo por mr. Liszt.



2.ª parte

- 1.º—Symphonia pela orchestra.
  - 2.º—Convite á valsa de Weber, piano por mr. Liszt.
  - 3.º—Aria da opera «Maria Padilha», sr. Tamberlick.
  - 4.º—Melodia hungara, piano, por mr. Liszt.
  - 5.º—Galope chromatico, idem.
- O piano em que tocou era de Boisselot, de Marselha.

N'outros tempos e em outros paizes inaugurou Liszt então os «Piano Recitals», dizendo com a consciencia de Luiz XIV: «Le concert c'est moi» — e executando todo o repertorio classico.

O costume de improvisar no fim do concerto sobre um thema, dado pelo publico ou por qualquer artista notavel, era então geral. Foi até por Liszt ter pedido a Beethoven, quando com treze annos de idade o visitou, um thema para sobre elle improvisar no seu concerto, que a impertinencia do «menino prodigio» indignou o glorioso mestre. (1)

Como relatam todos que tiveram a ventura de o ouvir improvisar, Liszt era tambem extraordinario n'este campo. Conta, por exemplo, Saint-Saens que uma noite, em casa da familia Erard, tendo elle tocado, Gounod e outros artistas notaveis, o velho Liszt se sentára ao piano e improvisára sobre os themas melodicos que elles haviam empregado, de maneira a fazer esquecer os outros pianistas.

Em Lisboa parece que o thema que lhe deram pa-



1—O leito de Liszt  
2—A pequena e modesta casa de jantar da familia de Liszt

(1) Liszt contava que Beethoven assistira a esse concerto (em 1823) e, depois de o ouvir, o beijara. E' curioso, porém, que Schindler, que na segunda edição do seu livro sobre Beethoven, dizia que este assistira ao concerto, na terceira edição afirma o contrario.



ra sobre elle improvisar foi o hymno da Carta. E' de esperar que o genio de Liszt soubesse fazer alguma coisa interessante, mesmo da obra de D. Pedro IV, sendo n'esse caso, sem duvida, uma das maiores provas que jámais deu do seu genio.

Creio que só dois musicos portuguezes tiveram a honra e a ventura de serem seus discipulos: Arthur Napoleão e quem escreve estas linhas.

Arthur Napoleão foi-lhe apresentado quando ainda creança. Ha uma passagem na correspondencia publicada de Liszt em que este fala com interesse do «petit Arthur Napoleon.» Eu conheci Liszt, como já disse, em 1885. Tinha eu então 17 annos e já havia estudado tres





annos com Xaver Scharwenka em Berlim. Tocava muitas das transcrições de Liszt, mas ainda não conhecia bem, é claro, as obras originaes. Não era, comtudo, só para estudar as suas obras que eu desejava conhecer o grande mestre. Por um lado Liszt, tendo já 74 annos, achava-se, com effeito, no fim da vida; era, por outro lado o maior pianista e, especialmente, o maior interprete de Beethoven que, jámais, existiu—Bülow dedica-lhe a sua edição de Beethoven com as segnintas palavras: «A Liszt como fructo do seu ensino». Eu desejava, pois, submetter-me por todas estas razões á influencia d'esse vulto extraordinario, certo que receberia d'elle (como mais tarde recebi de Bülow) impressões fecundas que me guiarão toda a minha vida.

tenuadas haviam sufficientemente demonstrado a sua incapacidade. Bulow com um respeito irónico, offerencia-lhe o braço e conduzia-as para fóra da sala aconselhando-lhes que não voltassem. Imagine-se a raiva das meninas costumadas aos mimos do velho e galante mestre. Infelizmente de nada serviu a corajosa severidade de Bulow. Quando Liszt retomou ás lições, reappareceram todas as paratias expulsas. Foram queixas, supplicas, lagrimas, beijos, e tudo voltou á paz banal anterior.

Havia entre os discipulos de Liszt um pobre diabo americano que tocava detestavelmente, mas era, pelo mestre, de uma dedicação infinita. Se Liszt desejava um copo de agua, era o americano quem o trazia; se o mestre, n'um passeio, ti-



Liszt em casa de George Sand  
Dumas—Berlioz—George Sand—Paganini—Rossini e a Condessa d'Agout

Não foi difficil a apresentação. Liszt era o mais accessivel grande homem que se pôde imaginar; accessivel em excessão até, porque a sua amabilidade e bondade o levavam muitas vezes a tolerar em sua casa pessoas que nem eram dignas de lhe tomar o tempo, nem deviam impedir outras mais talentosas de se fazerem ouvir.

Um dia, tendo Liszt que se ausentar, pedira a Bulow—de quem elle dizia: «este não é meu discipulo, é o meu orgulho»—para o substituir nas lições. Bulow que, como muitos outros, se indignava com a fraqueza do mestre, sobretudo para com as mulheres, foi inexoravel. Houve um pânico na celebre classe de piano. As correções choviam. Afinal, quando as infelizes creaturas ex-

rava o sobretudo, era o americano quem carregava com elle. Sem X. não havia Liszt. Onde X. apparecia, sabia-se logo: lá vem Liszt.

Eu conhecia este «discipulo predilecto» por elle ter estudado tambem em Berlim com Scharwenka. Conhecia, além d'elle, duas irmãs, professoras de piano em Weimar, cuja casa Liszt honrava algumas vezes com a sua visita, um par de extraordinarias senhoras edosas e exaltadas. Sempre de chapéus vermelhos e saias recamadas de fólhos, viviam n'uma adoração perpétua pelo mestre. A adoração era, aliás, o seu estado constitucional. Expressiam-se só em superlativos. Para mostrar quanto se commoviam com a musica do Tristão de Wagner, diziam que *morríam*



cada vez que a escutavam, — o que fazia com que alguns irônicos lhes perguntassem, se de cada vez também tinham recusado. Estes dois typos originaes e bondosos formavam o mais importante centro musical de Weimar e eram uma nota muito característica na sociedade que rodeava Liszt.

Apesar de eu não sentir muita timidez em aproximar-me d'aquelle homem divinizado, pelo muito que tinha ouvido falar da sua bondade, sempre sentia um certo alvoroço, natural n'uma hora tão solemne da minha vida. Perguntando ás minhas velhas protectoras como se falava a Liszt, ellas responderam sem hesitar: «Chama-se-lhe mestre e beija-se-lhe a mão». Era o que todos faziam, mesmo as raparigas, subjugasdas pelo aspecto imponente do veneravel ancão.

N'aquelles ultimos annos da sua vida, Liszt costumava passar o inverno em Roma, a primavera em Budapesth e o verão em Weimar, onde o grão-duque tinha posto á sua disposição uma modesta casa, situada no delicioso parque, feito por Goethe. Essa casa, então mobilada com a maior simplicidade, está agora transformada em museu, onde se guardam os manuscritos e grande parte dos innumerables presentes que Liszt recebeu durante a sua vida, entre os quaes uma cigarreira de ouro cravejada de brilhantes, presente de D. Maria II de Portugal. O quarto de dormir, com a sua installação ascetica e a sala de musica conservam-se, porém exactamente como elle as deixou, com o mesmo piano de cauda, de Bechustein, e o mesmo piano vertical ás vezes também usado pelo mestre.

Era em julho de 1885, pelas 3 horas da tarde. Quando entrei na sala o de Liszt recebia, já ella estava repleta. O mestre, uma figura magestosa, vestido com o longo casaco de «abbé», no rosto uma expressão serena, severa, mas não intimidante, alguma coisa de Jupiter tonante e paternal, estava de pé, rodado de uma quantidade de cabeças moças de todos os feiços, entre as quaes sobressahiam as femininas pelo numero e pela familiaridade com que lhe falavam. De artistas hoje universalmente conhecidos estavam n'essa occasião Stavenhagen, Friedhein, Lamond, Adele aus der Ohe. Convidando-me para me sentar ao piano, logo que lhe fui apresentado tocou o seu estudo: *Ronde des lutins*.

Não me interrompeu uma só vez, mas disse-me depois de eu terminar: «Um pouco mais comedido, não comece logo tão depressa. *Póde voltar*». Estas duas ultimas palavras representavam a realiação do meu sonho: estava admitindo na convivência de Liszt!

Liszt era, pelo menos na edad: em que o conheci, da maior simplicidade de trato. Nunca pude comprehender que tantos o accusassem de ser um comediante. Não havia ninguem menos comediante que elle. Nunca se dava ares de «grande homem», apesar da universal e perpetua admiração de que viveu sempre rodeado.

Todas as notabilidades passavam por aquella casa, não só músicos, e d'estes não só os novos que vinham aprender, mas pintores, esculptores, poetas, actores, e não só artistas, mas homens de sciencias e diplomatas, tod' o mundo intellectual da Europa e da America que viajava até Weimar para ver Liszt.

Com a sua indulgencia superior acolhia todas as imperitencias que lhe permitissem fazer bem. Apareceu uma vez em Weimar um circo ambulante que não conseguiu conquistar as sympathias do publi-

co. Na sua afflicção o director lembrou-se de pedir a Liszt a sua presença a uma das representações. Em vão os discipulos indignados supplicam ao mestre de não se «rebaixar», accedendo. Liszt, sorrindo bondosamente, respondeu-lhes: «Que importa se posso assim ajudar o pobre homem?». E foi ao circo.

E como se espalhara na cidade com rapidez vertiginosa a noticia sensacional de que Liszt assistiria á representação, o circo encheu-se até ao ultimo logar e o director, commovido, veio, no fim, beijar as mãos de Liszt.

N'um concerto em que um regente imbecil assassinava o seu oratorio «Santa Izabel», os discipulos n'um intervallo foram supplicar ao mestre de tomar elle a batuta para reger o resto da obra. Mas Liszt recusou: «Se faço isso o homem fica arruinado para toda a sua vida. Elle tem mulher e filhos.

Que antes se arruine a minha obra».

Mas a providencia encarregou-se de castigar o regente incapaz. Como elle gesticulasse demasiadamente, perdeu o equilibrio e cahiu do estrado, conseguindo assim ao menos um triumpho de hilaridade.

Liszt tinha um verdadeiro amor pela mocidade.

Quando creança tinha querido estudar com o celebre Hummel, em Weimar. Como este, porém, exigisse um preço que o pae de Liszt não podia satisfazer, procuraram Czerny, em Vianna, que, entusiasmado com o talento do pequeno, se encarregou gratuitamente da sua e lucação musical. Como homenagem e agradecimento á memoria de Czerny nunca Liszt se fez pagar pelos seus discipulos de Weimar. Aquelle homem, que era o primeiro entreos pianistas, que até á hora da sua morte trabalhou sempre tanto em obras musicas como litterarias, dedicava, sem remuneração alguma, grande parte do seu tempo aos discipulos que affluíam de todas as partes do mundo a Weimar sequiosos do seu ensino. E não só não recebia coisa alguma, ainda lhes dava. Bulow, Tuusig, Cournelis, Raff viveram por tempo em sua casa, á sua custa.

Os dias officias de liszt eram dois por semana, das 3 ás 6. Mas, bondoso como era, dizia o mestre:

«Quem no proximo domingo fór passar a Belvedere e passar por aqui, póde subir».

Está claro que ninguem ia a Belvedere.

O seu ensino não tinha, já se vê, nada de semelhante ao ensino vulgar. Quem ia estudar com Liszt, trazia um repertorio já preparado.

Não era elle quem indicava o que se havia de estudar, ou nos fazia um plano de estudo; tocavamos o que sabíamos. As suas correções referiam-se apenas a pontos puramente de expressão musical, andamentos (n'este ponto era especialmente meticoloso, e Wagner diz que o caracter de uma peça está sobretudo no andamento justo), gradação de som, articulação (staccato, legato), phraseado. Raras vezes lhe ouvi fazer uma observação de interesse puramente tecnico. Cada artista devia ter completado a sua educação technica antes de vir estudar com elle. Quando alguém errava notas, Liszt dizia-lhe: «Roupa limpa, camisa limpa; assim como está não venha ter commigo». Raras vezes também explicava a significação da musica por meio de comparações litterarias, como o faz com tan-





ta exuberancia nos seus livros. Mas ás vezes commentava a peça executada com uma mimica muito expressiva e engraçada. Assim, na 9.<sup>a</sup> Rhapsodia hungara que tem por titulo *O Carnaval de Pesth* ha um *intermezzo* que parece ser um dialogo entre uma voz suave, feminina, e uma especie de grunhido nas notas baixas. Liszt acompanhava este tre-

*Aussi résolu que résigné.*

e quando os criticos atacavam as suas obras ou as orchestras não as queriam executar, dizia sempre tranquillo: «Eu posso esperar.»

Em geral era demasiado indulgente, sobretudo para com as mulheres. A sua bondade e a sua severidade expressavam-se segundo um systema especial que nem todos conheciam: quando via que o discipulo não tinha talento nenhum, prescindia de corrigil-o, porque, na verdade, de nada serviria.

Começava então a fallar francez, — mau signal que fazia sorrir os iniciados.

Quando a discipula acabava e estendia a face para receber o beijo obrigatorio e elle dizia muito sério: «Très biens», sabiam os outros todos que aquillo significava (como se diz no Brazil): «Muito pessimo.»

E ella ia-se radiante.

Mas quando o discipulo o interessava, era para com elle de uma severidade que por vezes chegava a ser cruel, porque então, dizia elle, «valia a pena», sem todavia nunca perder a paciencia, como acontecia facilmente a Bilow. A sua peor critica consistia em recusar o beijo habitual.

Então é que era trabalhar para reconquistal-o!

Os conservatorios eram para elle o assumpto favorito de indignação.

Quando alguém tocava muito metronomicamente, dizia:

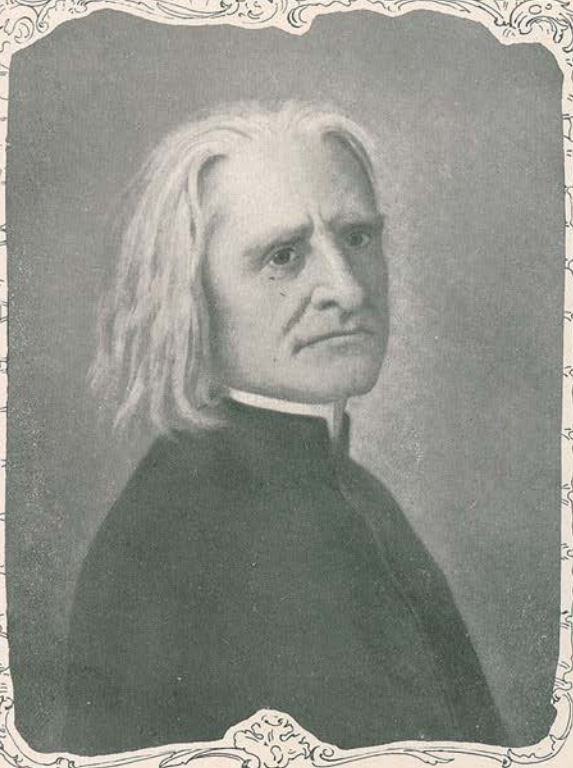
«Estou certo que estudou n'algum conservatorio?»

A uma senhora que tocava horrosadamente, dizia: «Só a quem tenha 2.000 libras de renda é permitido tocar tão mal, mas eu conheço duas princezas que tocam muito melhor que a senhora e que apesar d'isso não se consideram artistas.»

Tem-se fallado muito da fraqueza de Liszt para com o sexo feminino.

Nietzsche chama-o brutalmente: «A escola de agilidade com mulheres.»

Mas os que n'este artigo o condemnam não tomam sufficientemente em consideração a maneira como elle foi por ellas perseguido: a condessa d'Agoult foge de casa do marido, apresenta-se em casa de Liszt com uma infinidade de malas, declarando que não sabe mais d'ali, e vive durante 10 annos com elle, (dando-lhe um filho e duas filhas, uma das quaes é a actual viuva de Wagner); a princeza Wittgenstein, tambem abandona o marido e vem viver com Liszt em Weimar; na Belgica uma senhora veste-se de homem para poder seguil-o nas suas viagens sem ser reconhecida; uma russa aposta que lhe daria uma prova de amor em publico e dá-l'ha, ao meio dia, na varanda de um hotel na Avenida das Tílias, em Berlim; Lola Montez deixa o rei da Baviera para



O retrato de Liszt por Ehrenberg

cho representando, por gestos, uma rapariga que meigamente pede a um velho veneravel para danzar com ella, abanando elle sempre negativamente a cabeça, e ella maliciosamente insistindo. Era admiravel ver o velho Liszt representar esta scena comica como se fosse a um tempo dois actores. No final da peça os dois motivos voltam em *presto vertiginoso*, como se a endiabrada rapariga houvesse por fim conseguido arrastar o pobre velho vociferando contra o seu destino no turbilhão do Carnaval.

Havia discipulos que julgavam agradar ao mestre tocando-lhe só as obras d'elle, provndo assim que conheciam pouco o coração generoso, a modestia e o largo espirito de Liszt. A sua divisa era:



seguir Liszt; até na nossa pacata e virtuosa Lisboa uma senhora, segundo dizem, enlouqueceu por causa d'elle, e havia mulheres que desmaiavam nos seus concertos.

Certo é que nunca houve talvez maior fascinador que Liszt. Não era só com os sons que tirava do piano que elle fascinava toda a gente,

era também com a sua voz, a sua conversação espirituosa, elegante, inextinguível, e a sua gentileza.

N'um salão de Paris estava admirando com certa insistencia o collo maravilhoso e excessivamente decotado de uma senhora; e como ella indignada dos seus olhares indiscretos lhe perguntasse: «Que está olhando?» elle respondeu promptamente: «Estava, minha senhora, vendo se não lhe crescem azas». Ha lá mulher que pudesse resistir a um homem d'estes!

Quando parti de Weimar com a esperança de ir depois encontrar o mestre em Roma e lhe pedi para me traçar algumas palavras n'um

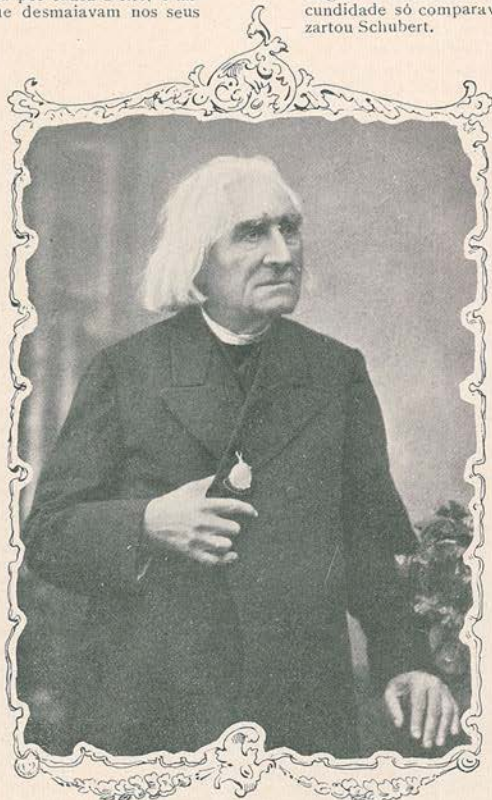
retrato, escreveu: «A José Vianna da Motta, saudando os seus futuros successos»—e deu-me um beijo que eu não suppunha ser o ultimo que receberia do querido mestre. Não o tornei infelizmente a ver.

No anno seguinte, a 31 de julho de 1886, o grande artista, que foi também um dos homens mais nobres que existiram, fechou os olhos para sempre. Apenas pude assistir aos seus principescos funeraes em Bayreuth.

A obra de Liszt é vastíssima. Só publicadas contam-se 1:200. Entre estas ha grande numero de transcripções (só de Schubert cem), havendo de muitas obras mais de uma versão. Das *Rhapsodias* ha duas, dos *Estudos de execução transcendente* tres edições diferentes.

De muitas das suas obras para canto e para

orquestra fez versões livres para piano. Mas mesmo assim o que fica em obras originaes diferentes representa uma fecundidade só comparavel á de Bach, Mozartou Schubert.



O ultimo retrato de Franz Liszt

se estabeleceu em Weimar, como regente da Opera, dedicando-se desde então á composiçõ e á propaganda das obras que elle mais admirava, e não apparecendo como pianista senão excepcionalmente em concertos de caridade. Eu tive a felicidade de ouvi-lo ás vezes durante as lições. Nunca me esquecerei do *Menuetto da Sonata em lá bemol*, de Weber; da *Polonaise em dó sustenido menor*, de Chopin; do *Adagio* da op. 106, de Beethoven. São recordações de tal intensidade que Saint-Saëns diz: «Le souvenir de l'avoir entendu console de n'être plus jeune».

Lisboa, 22 d'outubro de 1911.

JOSÉ VIANNA DA MOTTA.

Na sua obra para piano, a obra prima, a mais perfeita e mais grandiosa, é a *Donata* em si menor á qual se poderia também chamar «Vida de um heroe».

Egualmente notáveis são os tres volumes de *Années de Pèlerinage*: Suissa (duas edições), Italia e Villa d'Este, os 12 *Estudos de execução transcendente*, as *Harmonies poetiques et religieuses*, as *Legendas*.

Com as suas transcripções, que não são verdadeiramente adaptações, mas recriações, dotou a litteratura do piano com um genero especial. E' de crer que o genero não continuará a ser cultivado pelos compositores, mas as transcripções de Liszt nunca deixarão de ser tocadas, apesar do desprezo que por ellas affectam certos puristas pedantes. Além da obra musical deixou ainda 6 volumes de escriptos litterarios.

Liszt concluiu a sua carreira de «pianista viajante», já em 1848, quando



# A PROVA DA U.V.P.

DO PORTO A LISBOA  
EM BICYCLETA E  
MOTOCICLETA

Havia um grande interesse nos meios desportivos pela corrida de motocicletas e bycicletas do Porto a Lisboa.

Por todas as localidades onde deviam passar havia o mesmo entusiasmo. Travam-se disputas ácerca de



1—O vencedor da corrida em motocicleta, sr. Innocencio Pinto  
2—O vencedor da corrida em bicycleta, sr. Charles George  
3—O vencedor no percurso de Pombal a Leiria  
4—Os cyclistas, na manhã de 5, ao aproximarem-se de Coimbra



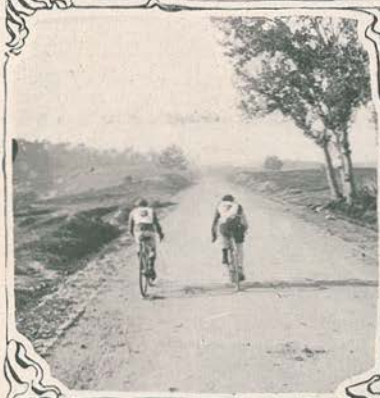
1—A chegada dos cyclistas a Coimbra  
2—O commandante da força de cavallaria que inspecionava a estrada de Coimbra

quem seria o vencedor falando-se muito dos srs. Innocencio Pinto, Mario Beirão, Leopoldo Futscher, Carlos d'Almeida e Motta Veiga. Finalmente a victoria coube ao primeiro que levou sete horas no percurso, sendo muito aclamado ao chegar á meta estabelecida na Avenida da Republica junto á praça Duque de Saldanha.



3—Em Coimbra, aguardando os cyclistas 4—A ambulancia organizada pelos hombeiro voluntarios de Coimbra 5—Ao encontro dos cyclistas





1—Um dos concorrentes assignando o contróle em Coimbra  
 2—A camião de Lisboa  
 3—Proseguido a marcha depois do contróle  
 4—O automovel Berliet cedido á -Ilustração Portuguesa- pelo sr. Beauvalet no qual se fornece de beber aos concorrentes do -raid-cyclista

O sr. Beirão seguiu-o com a diferença de cinco minutos até Torres, mas ali cahiu e inutilisou a machina; sendo por



1—O cyclista vencedor  
no caminho  
de Pombal para Leiria  
2—A passagem de Charles  
George em Leiria



3—O motocyclista vencedor  
passando em Cuneira  
de Aljubarrota

isso o segundo a chegar, com a diferença de dezessete minutos, o sr. Carlos d'Almeida e logo o sr. Motta Veiga, apesar da sua motocicleta ter sido atropellada por um automovel

emquanto o corredor descansava em Leiria. O sr. Leopoldo Futscher teve incendio na sua machina antes de Aveiro.

Na corrida de bicycletas venceu o sr. Carlos George, seguindo-se-lhe os srs. Dias Maia,







1—A refeição dos corredores no auto Berliet cedido à «Ilustração Portuguesa»  
 2—No controle secreto em Leiria 3—Os delegados da U. V. P. que acompanharam a corrida do Porto a Coimbra

**Costa Nascimento, Alberto Albuquerque e Luiz Lacerda.**

Os trezentos e sessenta kilometros que vão de Lisboa ao Porto toram pois atravessados, numa prova brilhante, pelos motocyclistas em 7 horas e em 16 pelos bicyclistas que assim corresponderam ás esperanças da U. V. P.

4—Aguardando os cyclistas em Cumeira de Aljubarrota—(Clichés de Benoitel)



# A RECEPÇÃO DOS CAUDILHOS...



No dia 6 de novembro vindos no mesmo comboio regressaram do norte onde tinham ido em propaganda politica os srs. drs. Affonso Costa e Antonio José d'Almeida sendo o primeiro muito victoriado á sahida da gare.

Os amigos do sr. dr. Antonio José d'Almeida tambem o acclamaram com vivas e palmas dentro da estação mas á sahida a multidão fez-lhe uma manifestação de desagrado abrindo a custo passagem ao trem que o conduzia bem como o seu irmão o sr. dr. Francisco d'Almeida.

Dentre os grupos destacou-se então um rapaz que correu para a carruagem n'uma attitudo ameaçadora soltando uma exclamação injuriosa. O irmão do sr. dr. Antonio José d'Almeida conteve-o apontando-lhe um revolver

O sr. dr. Antonio José d'Almeida, de pé na carruagem que o conduzia da estação do Rocio, defrontando-se com as imprecações populares

sendo preso o individuo que se chama Ricardo Raymundo e levado para o quartel do Carmo apesar



O popular preso pela policia por occasião da manifestação ao dr. Antonio José d'Almeida





1—O dr. Affonso Costa descendo de automovel, aclamado pelo povo, da rampa da estação do Rocio

2—O dr. Antonio José d'Almeida na volta para o Rocio

3—O automovel do sr. dr. Affonso Costa

4—O povo á porta do quartel do Carmo, reclamando a soltura do preso

(Glichés de Benotiel)



dos protestos indignados do povo que pedia a sua liberdade que foi concedida no dia seguinte depois do detido confessar ter obedecido a um movimento irreflectido. Outros indivi-



duos perseguiram ainda a carruagem na volta para o Rocio segundo afirmou o jornal *A Republica*, dirigido pelo ex-ministro do interior do governo provisório.

# Um Grande Jornal Parisiense

## O "Matin"

O *Matin* é o grande quotidiano francez, nosso conhecido, um excellent jornal moderno, de sensação, um órgão renovador da imprensa em França como o *Seculo* o é em Portugal.

As cousas mais sensacionaes ali apparecem. Um rei fez um gesto um pouco além da etiqueta logo veem as anedoctas do soberano narradas por uma pessoa da sua intimidade; uma grande dama está em fóco é ao *Matin* que faz as suas confidencias; um crimeapai-

dadeiramente litterarios. São seis paginas diarias de leitura por 5 centimos.

Depois todos estes casos de sensação são illustrados magnificamente; as suas machinas dão bem nitidas as gravuras apesar da tiragem de cem mil exemplares por hora e ter crescido na seguinte pro-



Os edificios em que se acha installado o «Matin»  
Os seis preatos occupados pelo «Matin»  
nos grandes boulevards  
teem uma fachada da extensão de 106 metros  
e occupam uma superficie de 3.297  
metros quadrados

xona a cidade, a França, o mundo e o *Matin* é o jornal que melhor o explora. A par d'isto tem uma linguagem singela; por vezes enche-se de trechos ver-



porção: em 1902—285.770 exemplares diarios em 1908 631.410; em 1911 sem duvida chegará ao milhão porque em setembro estava em 816.320. Chegaram depois os acontecimentos que tão habilmente explora, a guerra da Italia com a Turquia, a Republica Chinezã, todas as commoções que teem abalado o mundo e tratados todas ellas pelos correspondentes que tem por todo a parte conseguirá decerto atingir aquelle numero.

Os seus fios telegraphicos especiaes ligam a redacção do boulevard Poissonière com as agencias de Londres e Berlim e por meio dos aparelhos Hughes, installados nos seus escriptorios, o jornal está em communicação com todos os seus correspondentes no estrangeiro.





**M**

E' bem o grande jornal moderno; pagando a peso d'ouro uma noticia que mais ninguem possa dar, alimentando todas as curiosidades, fazendo vibrar, mover a opiniao, esperal-o anciosamente como em Portugal, todas as manhas, se espera a chegada do *Seculo* com a informacao completissima como nenhum outro jornal nacional a tem.

As machinas do grande jornal parisiense compoem dez mil letras por hora representando as seis paginas do *Matin* approximadamente trezentas mil letras. Os clichés da estereotypia são fabricados por machinas que podem fazer oito por minuto e o peso dos que são necessa-



rios cada noite é approximadamente de oito mil kilos sendo o jornal impresso em cinco grandes rotativas e em duas outras mais pequenas que tiram noventa e seis mil exemplares por hora, cortados, dobrados, collados, numerados, promptos para a venda.



1—O Hall do rez do chão, que dá acesso ás salas da redacção.  
2—A sala dos aparelhos telegraphicos onde se reune os fios-especies do grande jornal parisiense para as principais capitais da Europa.





1—Algumas das Linotypes (máquinas de compôr) do «Matin»  
 2—Uma das rotativas do «Matin» que imprimem 100.000 exemplares à hora



O pessoal effectivo do jornal, não contando os correspondentes nem os depositarios, é de novecentas pessoas e seu movimento de caixa é de oitenta mil francos por dia ou sejam aproximadamente quinze contos e duzentos mil réis gastando só em papel um conto e novecentos mil réis e a conta dos telegrammas que recebe durante o anno de todas as partes do mundo chega a meio milhão de francos, noventa e cinco contos.

Se collassemos umas ás outras as paginas do *Matin* que se publicam durante um anno formariam uma tira de papel que daria quatorze vezes a volta á terra. Os numeros que se vendem no mesmo espaço de tempo collocados dobrados uns sobre os outros chegariam a uma altura quatro mil e sessenta e duas vezes maior que a da Torre Eiffel ou duzentos e sessenta e uma vezes a altura do Monte Branco.

O peso da tinta necessaria diariamente para a impressão equivale ao de dez homens e o da colla precisa para pegar as folhas do meio, cuja quantidade é pequenissima como se comprehende, pesa ainda assim diariamente tanto como seis mil e cincoenta e seis peças de cinco francos.

Tal é o jornal parisiense que se espera com uma enorme anciedade, que se enche de surpresas e que depois d'um caso de sensação deseja desde logo outro. O publico é insaciavel e só assim



1 — O serviço de expedição do grande jornal parisiense  
2 — Outro aspecto das salas da expedição

se pôde manter: por um alto interesse diario. Ha mezes eram as memorias do celebre ministro Waldeck Rousseau que o *Matin* publicava n'um grande ruido de alarme nos meios politicos;

depois as do principe de Broglie tornado, por amor, artista de café concerto, o que causou a maior das sensações nos centros aristocraticos, ultimamente as da princeza Luiza da Toscana, ex-rainha de Saxe, que narra todas as suas desventuras, a sua triste odyssea, e assim, de dia para dia, mais cheio d'aquellas curiosidades de que o publica é gulosissimo o *Matin* conseguiu em nove annos passar da tiragem inicial diaria de 285.770 exemplares para a d'um milhão que deve estar proximo a attingir.

Tudo aquillo parece feito n'uma vertigem desde a fórma porque se compõem as paginas até á maneira como saem das machinas mas no fundo não ha nada mais estudado, mais calmamente ponderado do que a sua direcção.

E' necessario servir a curiosidade publica intelligentemente. E' o que faz o *Matin*.





UMA OPERETA DE  
ASSUMPTO  
PORTUGUEZ EM LONDRES

# A Bonita

Londres assistiu á representação d'uma operetta de costumes portuguezes que se chama *Bonita* e foi escripta pelo sr. Wadkam e instrumentada pelo

sr. Limson.

O centenário da guerra peninsular, talvez a vinda do duque de Wellington a Portugal, a recordação do Bussaco, que sóa bem a ouvidos inglezes, foram decerto as bases d'essa peça curiosíssima passada no nosso meio e que o Queen's Theatre representou com successo. A peça tem um prologo e dois actos e a sua protagonista é a actriz Clara Evelyn, uma linda mulher e uma soberba comediante.

É em plena guerra, no Bussaco, em 1810. D'um lado Massena, do outro os inglezes e os portuguezes aguardam o inimigo. O prologo tem por scenario um posto, uma avançada ingleza onde ha um tenente britannico apaixonado por uma camponia da localidade. Aquelle amor acaba porque a morte veiu leval-o no ardor d'um combate.

Passam-se cem annos e n'uma linda aldeia portugueza, á beira d'agua, vive Maria—a *Bonita*—que um proprietario local ama. Em roda toda a tranquillidade d'uma aldeia formosa; só ella tem em si uma grande desdita quando chega um tenente inglez—bisneto do que fóra morto no Bussaco—e que veiu á commemoração do centenário da batalha com um pequeno destacamento. Amam-se desde logo; d'ahi se começa o entrecho da peça que é um pretexto para apresentar alguns costumes, bailados e trajos.

Os dois rivaes estão frente a frente e ha ainda, como na batalha do Bussaco, a impressão de Santo Antonio para quem a noiva do outro apella desejando fugir ao seu amor para casar com o esbelto tenente.

Tudo isto é posto em scena

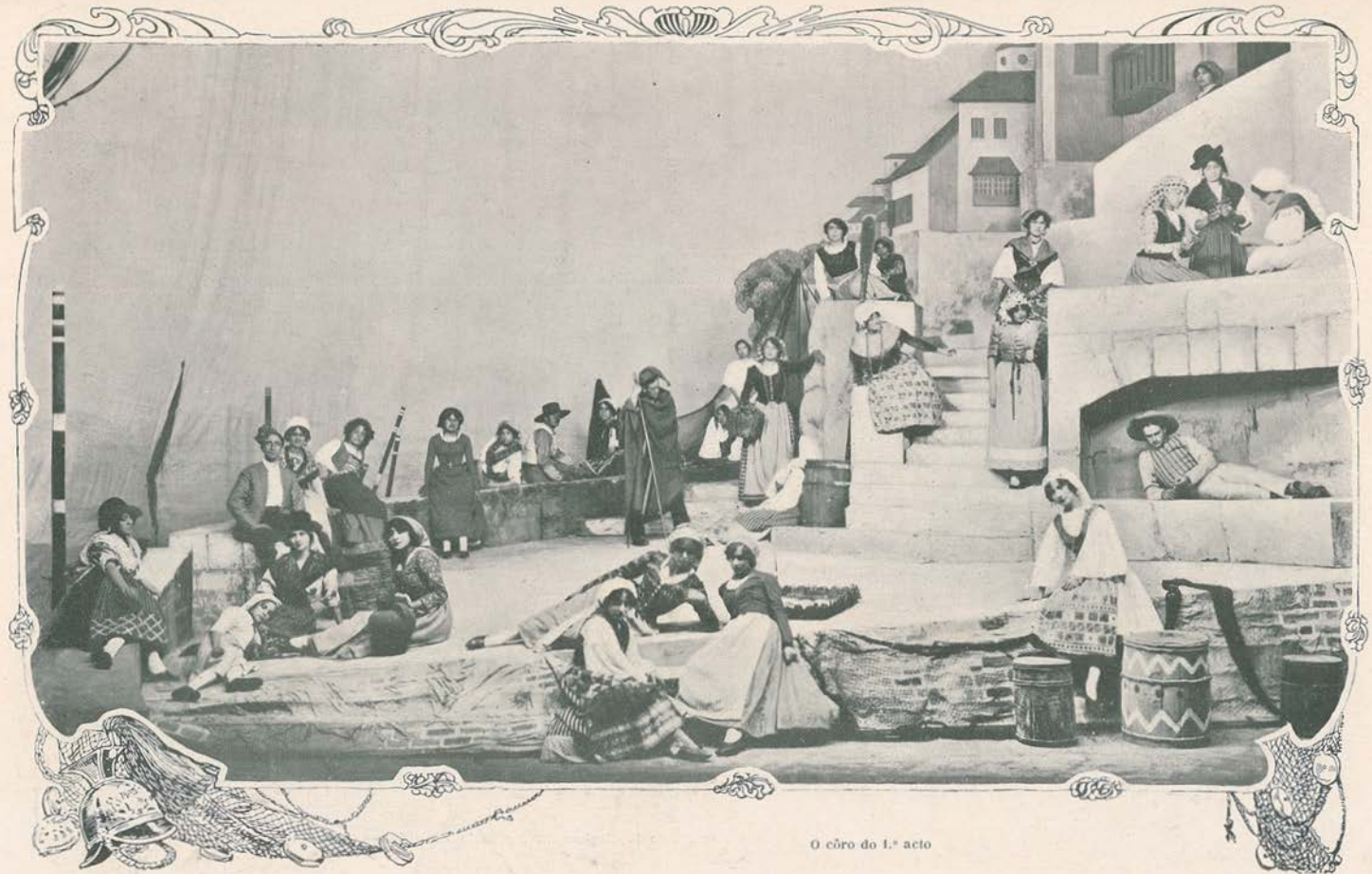


Mr. W. Wheatley e Miss C. Evelyn  
n'uma pose  
da valsa do 1.º acto da «Bonita».





O 1.º acto da «Bonita»: A recepção do oficial inglês na aldeia



O côro do 1.º acto



com um meticulo-  
so apuro, sendo  
excellentemente  
ensaiados os có-  
ros e dando-nos  
um grande sensa-  
ção o scenario.

O segundo acto  
é no convento arruinado  
onde se vae consultar o  
santo milagreiro.

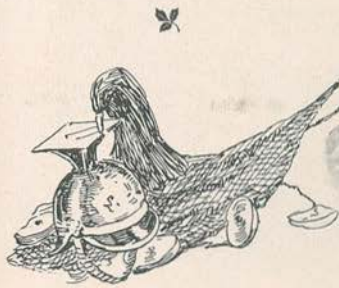
Aparece ali um mon-  
ge. Aquí ha um anachro-  
nismo mas se nos deve-  
mos lembrar que de ha  
muito desapareceram  
os frades de Portugal,  
pelo menos com os  
seus habitos ostensivos,  
tambem aquillo não é  
senão uma operetta.

E' n'aquelle claustro de  
convento que se quei-  
mam as alcachofras das quaes  
se decidirão a quem compe-  
tirá a mão da *Bonita*.

O noivo antigo ainda ten-  
ta uma mystificação molhan-  
do a sua alcachofra no pe-  
troleo mas os namorados a  
quem Santo Antonio aben-  
çoou, diante de tão grande  
amor, triumpham e acaba ago-  
ra por uma grande felicidade  
por amor quando ha um se-  
culo, no tempo da guerra, ou-  
tro tão funestamente acabara.

E' este o entreocho da operetta  
ingleza que o Queen's T. eatre  
pôz em scena e para cuja repre-  
sentação convidou o ministro de  
Portugal em Londres e o sr. Fer-  
reira d'Almeida secretario da nos-  
sa legação que assistiram a essa  
evocação da nossa terra no ca-  
marote de gala.

*Bonita*, com os seus costumes  
portuguezes, com os seus baila-  
dos, as suas canções dolentes,  
fez successo em Londres n'uma  
epoca em que ali tanto se fala  
do nosso Portugal.



Frederico (Mr. L. Mackinder) e Perpetua (o contrato  
Miss E. Glegg)  
no duetto do 2.º acto



A scena do 2.º acto, passada nas ruínas do convento de Santo Antonio



# CEMITERIOS.

Dia de finados fez-se a romaria aos cemiterios. Sahiram para as ruas os vestidos pretos. Embora não se deseje os mortos, n'esse dia lembram sempre. O cemiterio povoado de mortos, povoa-se de vivos. São sombras negras deslizando por entre as pedras alvas dos tumulos; gente que ajoelha nas capellas dos jazigos ou sobre os covaes onde ama-

a erva, os tumulos a cobrirem-se de musgos, as ruas estreitas, todo esse aspecto pesado da cidade da morte fazem ter por ella um horror. E' como se nos mostrassem um inferno para eterna habitação. Entrar n'esses cemiterios é sofrer muito. Tem-se essa sensação em Ajuda e em parte dos Prazeres. As flores que ali crescem são bem diversas



O cemiterio do Corpo Santo, em Genova

releem os goivos. Geralmente n'esse dia ha uma bruma pesada, como uma cortina entre o ceu e a terra; humedecido o solo, parda a luz e é n'este scenario que se entra nos cemiterios aqui como em França, como em Vienna, como no Rio, como por toda a parte onde ha uma cruz tosca ou uma jazida soberba a dizer que ali repousa um corpo. Ha cemiterios onde a morte nos apparece como uma cousa horrivel. Os cyprestes verdenegros evocam lutos eternos; as covas abauladas sobre as quaes cresce

das que vêmos por exemplo no cemiteiro dos inglezes. Nos nossos vivem os goivos, as saudades, alguma rosa pallida, n'elle é a madresilva a entrelaçar-se nas pedras funerarias, abrindo os calices, enredando-se nas trepadeiras. E' o jardim da morte aquelle cemiteiro; os nossos são quasi todos sombrias necropolis.

E esses cemiterios das aldeias n'alguns dos quaes ainda ha os logares separados para os suicidas e para os criminosos, como se a morte, não egualitas-



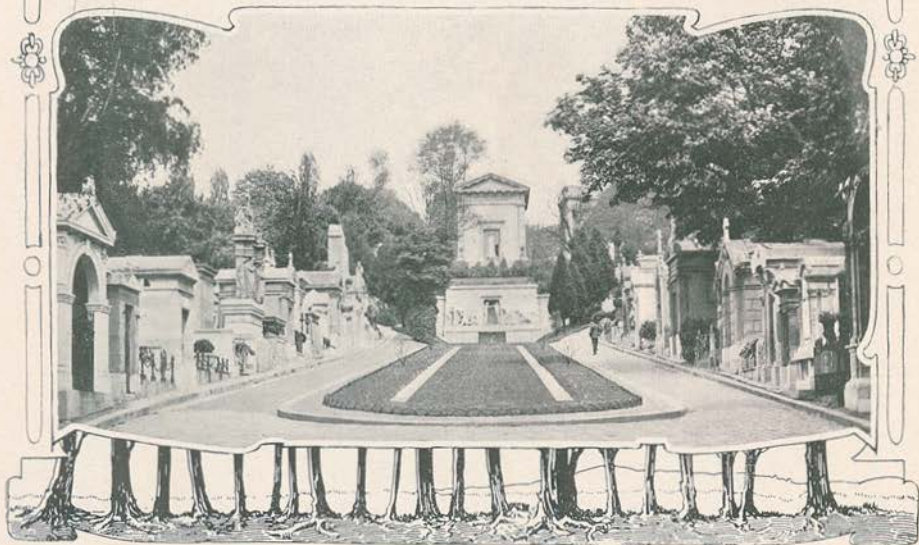
1—O cemiterio dos criminosos em Ploetzensee (Alemanha) 2—A entrada do Pere Lachaise

se?! Alguns são quasi risonhos com a sua ermidinha branca ao meio; outros, os que não teem cyprestes, perdem mesmo o ar de cemiterios.

A litteratura romantica e tragica aproveitou essas cidades da morte para gerar o estremecimento nos seus leitores; as personagens faziam evocações no meio dos tumulos, espiritos e phantasmas ne-

gros, surdiam n'uma traquinada d'ossos fallando em vozear soturno.

O cemiterio tinha a sua legenda terrivel. Era então bem o logar das sombras. Mas tudo se modernisa. Em vez de co-veiros philosophos, como os do *Hamlet*, uns dignos funcionarios de enchada ao hombro vão abrir a cova a troco da propina camararia, regam e tratam





das flôres dos covaes e dos tumulos a troco da propina particular. Desde que nos cemiterios se installou uma administração os phantasmas desapareceram e aquellas cidades de mortos começaram a ser tão regradas como as dos vivos.

Por entre as casas silenciosas, que são os tumulos, os guardas passeiam nas no tes como os policias nas nossas ruas mirando as janellas apagadas; de quan-

te um forno crematorio. As cinzas da pessoa querida são guardadas e a inceneração não é repellente. Em vez de um corpo a apodrecer dentro de uma urna a rapida combustão; em vez d'uma osada carcomida um punhado de cinzas.

Os maiores inimigos d'este processo são os coveiros. Para as cinzas não ha mais homenagem, não mais covas a tratar, não mais jazigos, não mais propinas.



O cemiterio de Tunis

do em quando aquellas pedras são picadas, são limpas; como os predios são tratados; as covas são renovadas: aquillo segue um programma. Já não são terrenos abandonados para onde se atiram mortos, são logares dentro da administração publica e que por ella são vigiados.

Nas cidades modernas o cemiterio desaparecerá mais dia menos dia; o culto dos mortos armazenados dentro dos seus jazigos ha de cahir. Já em Paris exis-

Na sua consciencia a inceneração deve ser uma barbaridade mas no criterio do homem pratico os cemiterios, que nós todos piedosamente visitamos, onde repousam os nossos, são espaços que os mortos occupam e que os vivos precisam. E por isso procuram matar-se por alguns palmos de terra fazendo de toda ella — e isso não vê o homem pratico — um vasto cemiterio, porque por todo o mundo se vão formando campos de batalha.

# A Accção de Caçadores 2 no Minho

Caçadores 2 está no norte desde agosto. As suas seis companhias, quatro de infantaria e duas de metralhadoras, teem ali prestado grandes serviços desde que entraram no convento de Montoriol onde se alojaram.

As companhias de metralhadoras foram render o batalhão de caçadores 5, que estava dividido por Ponte da Barca e Arcos de Val-de-Vez. A partida de Montoriol foi na noite de 10 d'agosto por uma estrada onde a poeira se levantava de tal modo que não deixava enxergar os vultos d'um lado para outro. Caminhando assim chegaram a Villa Verde depois d'uma marcha de doze kilometros.

N'este povoado se descançou; ergueram-se as tendas, confeccionou-se o rancho e na noite de 11 a columna recomeçou a marcha, andando os vinte e um



1—O posto optico do Britello capitão Quadros e sargento Figueira

regados em virtude do novo equipamento ter mais capacidade, sendo maior a mochila. Na praça da Republica descansou o meio batalhão, partindo a terceira e quinta companhias de metralhadoras logo para Arcos de Val-de-Vez, que fica a quatro mil e quinhentos metros de distancia. Renderam-se as forças de caçadores 5. A quarta companhia ficou em Ponte da Barca e foi nomeado o alferes Andréa para ir, com vinte e tres praças, render o destacamento de Briteiros, a treze kilometros, para os lados de Lindoso, partindo ás nove da noite e demorando a sua marcha tres horas. Apesar de muito cansados pelas marchas anteriores não ficou um unico homem para traz. As forças collocaram-se na disposição em que ainda hoje se encontram: a terceira e a quinta companhias em Arcos de Val-de-Vez e a quarta em Ponte da Barca.



2—A ronda no posto á cossaca n.º 1 em Britello, situado na Chan da Mossa, de onde se abrange até á portella do Ramisqueado  
3—O Hospital de Ponte da Barca

kilometros que a separava de Ponte da Barca e nove dos quaes sempre subindo até á Portella dos Vadé, descendo-se depois sempre até aquella villa.

Foi um percurso difficil por que os soldados iam mais car-







O serviço de segurança, vigilância e transmissão de notícias era feito por postos de infantaria e cavallaria, postos opticos, ordenanças de cavallaria e cyclistas assim dispostos: em Lindoso um posto optico e outro de nove praças de

dade dos postos opticos, que não podiam funcio-  
nar como era necessario,  
mandou-os retirar bem  
como a algumas forças de  
infantaria, fazendo outras  
modificações tendentes a  
conservar a mesma vigi-



- 1—O destacamento de Britello e seu quartel
- 2—O estado-maior de Britello (aspirante Quadros, alferes Andréa e sargento Pinto)
- 3—Vista geral de Ponte da Barca
- 4—Praça da Republica em Ponte da Barca



lancia. Os soldados n'aquelle aquartellamento improvisado, como de resto por toda a parte, andavam sem pre alegremente. Não havia da sua parte a menor reluctanceia; uma alegria intensa

cavallaria 9; no Britello outro posto optico e uma força de subalterno de infantaria e no Muzio um posto de um cabo e quatro praças de infantaria. No Muzio havia ainda uma outra installação d'aquelle genero que ligava com a de Lindoso, com o de Britello e com a de Castello nos Arcos e uma força commandada por um sargento. No extremo da estrada Arcos-Monção, formou-se outro posto de cavallaria 9 e no Castello um posto optico que ligava com o Muzio e com o do adro da igreja do Espirito Santo nos Arcos, onde estava uma força de cabo. Mas a invernia começou a soprar rijamente; vieram as chuvas, veiu a ventania e o commandante do destacamento, ante a inutili-

reinava em todos elles e disputavam os logares com uma verdadeira febre de serem uteis.

Isto confirma mais uma vez as altas qualidades dos nossos militares que, esperando defrontar-se com o inimigo, a todos os sacrificios se prestam. Houve forças que chegaram a fazer o percurso de treze kilome-







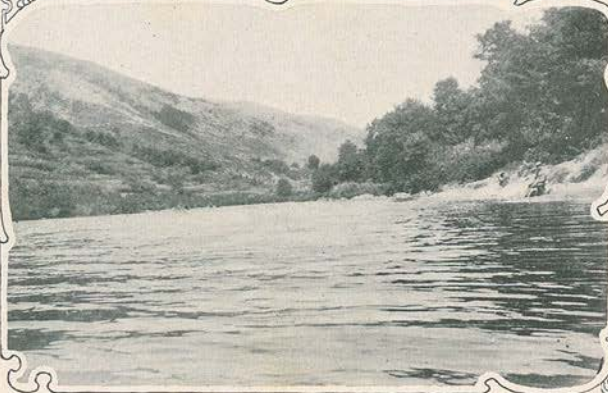
1—A casa do sr. Abílio de Mello no Britello, onde se hospedaram os officiaes e sargentos

tros em duas horas e um quarto marchando de noite.

Uma das notas curiosas e bem definidoras d'essas etapas de caçadores 2 no Alto Minho foi a fôrma como o povo por toda a parte acolheu os soldados.

Não havia coisa alguma contra elles. As mulheres sorriam-lhe; os homens obsequiavam-nos e não raramente se via chegar um aldeão ajojado sob um cesto vindimo atochado de uvas que vinha offerecer aos militares; outras vezes eram cabazes de figos que os bons rapazes devoravam alegremente.

O serviço ali era arduo (tres postos á cossaca e duas patrulhas) mas elles não hesitavam;



2—Vista do Muzio, onde foi installado o posto optico

3—O rio Lima em frente de Britello

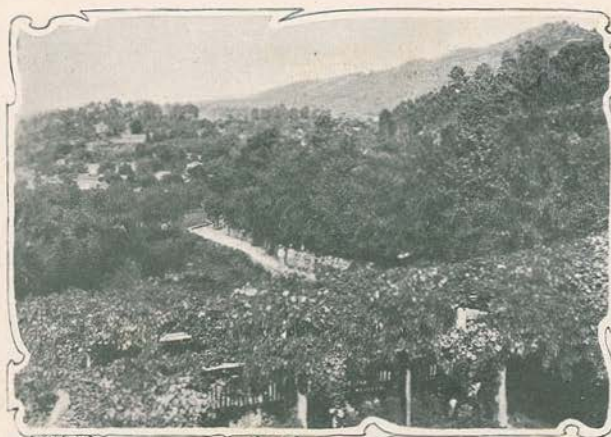
não ficavam indecisos, dispunham-se sempre a cumprir estritamente as ordens, desejando todos ser uteis e guardando a esperança—diziam elles—de trazerem uma orelha do Couceiro.

O regedor de Lindoso apparecia em Britello e, pelas noites, com sessenta ou setenta homens armados de espingardas antigas, ia vigiar a fronteira,

esperando sempre um ataque monarchico que desejava ser o primeiro a repellir.

Constata-se ali, em Britellos, que aquelle povo, apesar de não ter meios de comunicação, de estar tão distante, é bem mais democrata do que muitos outros da visinhança da capital. Installada ha tres mezes a pequena força n'esse povoado sentirá saudades quando se retirar porque o acolho não pôde ser melhor nem mais





### Nota da redacção

D'uma maneira cabal os soldados d'este batalhão provaram as suas bellas qualidades militares e de patriotas porque apesar de todas as inclemencias preferem aquella vida a retirarem para os seus quartéis, aguardando a todos os momentos defrontarem-se com

1—Vista de Britello

cheios de cuidados para com os soldados os camponezes.

Tem sido todavia bem aspera a vida do soldado e isso apenas serve para affirmar as



2—Uma malhada em Britello



3—A ronda no posto á cossaca n.º 3 em Britello

suas qualidades de resistencia. Por exemplo ali, ha tres mezes que os soldados se deitam no sobrado; não teem um leito, não teem uma enxerga . . a não ser no hospital.

(Comunicado pelo alferes de caçadores 2 sr. A. Andréa).

4—A ronda no posto á cossaca n.º 2 em Britello

os guerrilhas que estão além fronteira.



O dr. Alexandre Braga é um dos grandes oradores portugueses. Gesto, voz, attitude, figura, tornam-no mais de que um tribuno, um artista da palavra. A sua carreira feita nos tribunaes, nos comícios, no parlamento, é das mais brilhantes. O Brazil quiz ouvir esse orador singular e Alexandre Braga foi ao Rio de Janeiro e a S. Paulo fazer conferencias n'um grave momento politico em que os animos estavam divididos na colonia portugueza não deixando todavia, de ser recebido com os respeitos devidos á sua grande intelligencia.

Antes da sua partida do Rio para S. Paulo foi-lhe offerecido um almoço por um numerozo grupo de republicanos que muito o festejaram.



1—O dr. Alexandre Braga e o 2.º secretario da legação de Portugal no Rio de Janeiro, sr. Santos Tavares (Photographia tirada na Tjuca, antes do almoço offerecido pelos republicanos portuguezes ao grande orador) (Liche Camacho)

2—A Italia em Tripoli O julgamento do arabe, empregado no consulado allemão, que matou com punhaladas um soldado italiano e que foi fuzilado





# Companhia do Papel do Prado

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

riaiana e Sobreirinho (Chomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louza), Valle Maior (Albergaria-a-Velha). Installadas para uma producção annual de set. milhões de kilos de papel e dispoendo dos machinismos mais apertecoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de embrulho. Toma e executa promptamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer qualidade de papel de machina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes, *Escriptorios e depositos.*

LISBOA — 270, Rua da Princeza, 276

PORTO — 49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**

Numero telephonic: **Lisboa, 605 — Porto, 117**

CAPITAL	
Acções .....	360.000\$000
Obrigações .....	323.910\$000
Fundos de reserva e de amortisação ..	266.400\$000
Reis .	950.310\$000

**Sede em Lisboa.** Proprietaria das fabricas do Prado. Maria

CONSTIPAÇÕES antigas e recentes  
**TOSSES BRONCHITES**  
 são radicalmente **CURADAS**  
 PELA  
**SOLUÇÃO PAUTAUBERGE**  
 que dá  
**PULMÕES ROBUSTOS**  
 e previne contra a  
**TUBERCULOSE**  
 PAGO PARA PORTUGAL: 800 reis o frasco.  
**L. PAUTAUBERGE**  
 COURBEVOISE - PARIS  
 e em todas as Pharmacias.

## HERNIADO 30 ANNOS

Cura maravilhosa de um bem conhecido lisbonense

Só em saber-se que existe a cura da hernia, é uma grande fortuna.

Alguma gente julga que só um medico com uma navalha e uma agulha poderá cerrar uma hernia.



Sr. EDUARDO ROSA

Porém a experiencia do ill.<sup>mo</sup> Sr. Ed-uardo Rosa, morador em Lisboa, Rua da Magdalena, 31, (Typographia), herniado durante 30 annos, anniquila por completo esta theoria. Ha um especialista em Londres que descobriu um maravilhoso methodo de tratamento, que não só restem qualquer especie de hernia, mas tambem obriga os musculos a desenvolverem-se. O Sr. Rosa sciente d'isto, immediatamente experimentou. Os resultados foram admiraveis.

Apesar de herniado por 30 annos, o Sr. Eduardo Rosa comecou immediatamente a tratar-se e conseguiu uma perfeita e radical cura n'um diminuto espaço de tempo. Hoje encontra-se completamente restabelecido e sem o menor traço de hernia.

O Sr. Rosa é um d'entre os milhares de curados por este maravilhoso methodo, que é a descoberta do Dr. W. S. Rice, um dos mais afamados especialistas do mundo. Dr. Rice acaba de fazer a edição de um livro illustrado sobre este assumpto, e o qual elle enviava gratuitamente a todos que o pedirem, para que não se julgue que a hernia é incuravel. A cura por meio d'este methodo faz-se sem dor, perigo, operação ou necessidade de suspender o trabalho. É um methodo que vale bem a pena investigar. Escrevam-lhe hoje mesmo, pedindo o livro gratuito, que expri-me claramente o methodo de cura, e é de todo o valor para os herniados, ou para os que tem amigos herniados. Endereço: — Dr. W. S. RICE (S. 825), 8 & 9, Stonecutter Street, Londres, E. C., England.

## Ourivesaria "CHRISTOFLE"

Fabrica so uma Qualidade

**A Melhor**

Para obtel-a exigir esta Marca e tambem o nome **CHRISTOFLE** em cada objecto.



# Stilli-Flore

Perfume d'uma concentraçõ até hoje desconhecida.

**Basta uma gotta para se perfumar.**

MODO D'EMPREGO:  
 Desaparafusar a tampa e exercer uma ligeira pressõ na extremidadõ do Stilli-Flore.

**PERFUMARIA ORIZA**  
 L. LEGRAND  
 11, Place de la Madeleine  
 PARIS  
 14-15, Comduit Street, LONDON

# O passado, o presente e o futuro



REVELADO PELA MAIS CELEBRE CHIROMANTE  
E PHYSIONOMISTA DA EUROPA

Madame

## BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez: é incomparável em vaticínios. Pelo estudo que fez das sciencias, chiromancias, chronologia e physiologia e pelas applicações praticas das theorias de Gali, Lavater, Desbarrolles, Lambrze, d'Arpenigney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta cathgoria a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, allemão, Italiano e hespanhol. Da consultas diarias das 9 da manhã às 11 da noite em seu gabinete: 43. RUA DO CARMO, 43 (sobre-toja) — LISBOA. Consultas a \$4000 rs., \$500 e \$3000 rs.

## A Seda Suissa

É A MELHOR

Peçam as amostras das nossas novidades em preto branco ou cor:

**Duchesse, Voile, Setim fle-xível, Taftetas, Grapes de Chi-ne, Eolienne, Gôtel, Mous-seline**, largura 120 cm. a partir de 1 fr. 25 c. o metro, **Veludo e Pe-luche** para vestidos, blusas etc. Assim como **blusas e vestidos bordados** em batiste, lã, linho e seda.

Vendemos as nossas sedas garanti-das solidas **directamente aos freguezes e francas de porte a domicilio.**

**Schweizer & C.<sup>o</sup>**  
Lucerne E 12 (Suissa)

Exportação de sedas. Fornecedor da Corte Real

### BAUME BENGUÉ

Cura Totalmente

#### RHEUMATISMO GOTA NEURALGIAS



Dr. BENGUÉ, 47, rue Blanche, Paris. e em todas as Pharmacias.

A VENDA

# Almanach do SÉCULO

A VENDA

## PARA ENCADERNAR

# Illustração

# Portuguesa

Já estão á venda bonitas capas em per-caline de phantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE D'ESTE ANNO** da «Illustração Portuguesa».

Desenho novo de optimo effeito

Preço 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remetida em vale do correio ou sellos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontispício respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO "SÉCULO"

43, Rua do Sécuro, 43

LISBOA